



Veredas atemática
Volume 19 nº 2 – 2015

Os verbos instrumentais no português brasileiro

Letícia Lucinda Meirelles ¹ (UFMG)
Márcia Caçado ² (UFMG)

RESUMO: Neste artigo tomamos como objeto de estudo os verbos instrumentais do português brasileiro a fim de averiguarmos se eles constituem uma classe verbal relevante gramaticalmente. A motivação para essa pesquisa surgiu ao observarmos que os verbos instrumentais apresentavam propriedades semânticas e sintáticas distintas entre si. Como conclusão, temos que os verbos instrumentais não formam uma classe unitária, mas sim três classes distintas, o que nos mostra que a propriedade semântica de ter o nome de um instrumento contido no radical verbal não é relevante gramaticalmente.

Palavras-chave: verbos instrumentais; representação semântico-lexical; propriedades sintáticas; decomposição de predicados

Introdução

Em português brasileiro, uma série de verbos possui o nome de um instrumento em seu radical, como *abandar*, *acorrentar*, *algemar*, *chicotear*, *esfaquear* e *espetar*, o que poderia, a princípio, nos levar a agrupá-los em uma mesma classe verbal, denominada classe dos

¹ A autora agradece o suporte financeiro do CNPq (GM).

² A autora agradece o suporte financeiro do CNPq (PQ) e FAPEMIG (PPM).

verbos instrumentais. Entretanto, ao observarmos esses verbos mais atentamente, podemos perceber que há diferenças semânticas e sintáticas entre eles³.

Por exemplo, sentenças do tipo *o guarda acorrentou/algemou o bandido* acarretam que o bandido ficou com correntes/algemas. Já em uma sentença do tipo *o bandido esfaqueou/espetou a vítima*, não se tem como acarretamento que a vítima ficou com a faca/o espeto. Verbos do tipo *abanar* e *espetar*, por sua vez, aceitam um outro instrumento em adjunção que não seja aquele contido no nome do verbo, como em *o escravo abanou o rei com uma folha de palmeira* e *o Pedro espetou o Gustavo com um alfinete*. Contrariamente, os demais verbos não aceitam tal construção: **o guarda acorrentou o bandido com uma corda/ *o bandido esfaqueou a vítima com um revólver*.

Tais fatos nos levam a questionar se esses verbos constituem realmente uma única classe verbal. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar e descrever a classe dos verbos instrumentais do português brasileiro, doravante PB, com o intuito de avaliarmos se eles realmente constituem uma classe unitária. Para tanto, fizemos uma coleta de todos os verbos do PB que possuem o nome de um instrumento no seu radical verbal através do dicionário de Borba (1990) e do catálogo de verbos de Caçado, Godoy e Amaral (2013a), a fim de determinarmos quais são suas propriedades semânticas e sintáticas e propormos uma representação semântico-lexical para esses verbos através da linguagem de decomposição em predicados primitivos.

Para a análise do nosso objeto de estudo, valemo-nos de uma série de testes semânticos e sintáticos que serão apresentados no decorrer deste artigo, como os testes de aspecto lexical, agentividade, passivização, participação em alternâncias verbais, presença de sintagma preposicionado cognato, paráfrases, entre outros.

Este artigo apresenta na primeira seção uma explicação sobre classes verbais. Na segunda seção, fazemos uma ampla descrição das propriedades sintáticas e semânticas da classe dos verbos instrumentais em PB. Na terceira seção, apresentamos brevemente a linguagem da decomposição em predicados primitivos. Na quarta seção, propomos a representação semântica para os três grupos de verbos instrumentais existentes em PB e mostramos a relação dessas representações com propriedades específicas de cada classe. Concluimos o artigo apresentando os resultados encontrados na pesquisa.

1. Classes Verbais

Uma primeira explicação a ser dada é em relação à classificação verbal. Afinal, o que faz um grupo de verbos serem analisados como uma classe verbal? Usaremos, principalmente, as propostas de Pinker (1989), Levin e Rappaport Hovav (1992, 1995 e trabalhos subsequentes), Van Valin (1993, 2005), Wunderlich (1997), Caçado (2005, 2010), Caçado e Godoy (2012), Caçado, Godoy e Amaral (2013a e b), para darmos essa resposta. Entende-se por classes verbais grupos de verbos que compartilham certas propriedades semânticas e sintáticas, assumindo que são as propriedades semânticas presentes na entrada lexical dos itens verbais que determinam o seu comportamento sintático. Porém, é importante notar que não é qualquer propriedade semântica que agrupa verbos em uma única classe verbal. Peguemos como exemplo o verbo *chicotear* com algumas possíveis propriedades semânticas e façamos uma análise da classe à qual ele pode pertencer.

³ Um estudo preliminar sobre os verbos instrumentais no PB encontra-se em Meirelles (2013) e Meirelles e Caçado (2014).

Primeiramente, podemos pensar que o verbo *chicotear* é uma ação que envolve um certo tipo de movimento com os braços, o que, a princípio, poderia nos levar a agrupá-lo com outros verbos que apresentam esse tipo de movimento, como por exemplo, *acenar*. Vejamos os exemplos:

- (1) O capitão do mato chicoteava o escravo.
- (2) A menina acenava o lenço.
- (3) *O capitão do mato chicoteava ferozmente.
- (4) A menina acenava tristemente.

Observem que ambos os verbos aceitam um objeto direto como mostrado em (1) e (2), mas apenas *acenar* apresenta a forma intransitiva, como em (4). Isso nos mostra que a propriedade semântica *movimento* parece não ser relevante para agrupar verbos em uma mesma classe semântica que apresentem as mesmas propriedades sintáticas, fazendo-nos questionar se a propriedade de *ter movimento* é uma propriedade sintaticamente relevante. De fato, essa é a conclusão de Levin e Rapaport Hovav (1992) em relação à propriedade de *ter movimento*. Para as autoras, verbos que acarretam movimento, de qualquer tipo, se comportam sintaticamente diferente, não formando uma classe verbal homogênea.

Uma segunda propriedade apresentada pelo verbo *chicotear* é possuir um argumento interno que denota um elemento que sofre uma ação, sendo atribuído a esse argumento o papel temático de paciente. Tal fato poderia nos levar a agrupá-lo com outros verbos que também atribuem o papel temático de paciente ao seu argumento interno, como é o caso do verbo *quebrar*. Entretanto, apesar de ambos os verbos possuírem um paciente como argumento interno, apenas *quebrar* participa da alternância causativo-incoativa:

- (5) a. O capitão do mato chicoteou o escravo.
b. *O escravo (se) chicoteou. (agramatical na leitura incoativa)
- (6) a. Maria quebrou a taça de cristal.
b. A taça de cristal (se) quebrou.

Esse comportamento sintático evidencia que ter um paciente em sua estrutura argumental também não é uma propriedade semântica suficiente para agrupar verbos em uma mesma classe.

Diante desses fatos, poderíamos pensar que as propriedades semânticas compartilhadas por certos itens lexicais não interferem no comportamento sintático dos mesmos. Entretanto, isso não é verdadeiro. Como já realçamos, não são todas as propriedades semânticas dos verbos que são relevantes para a formação de uma classe verbal que compartilha os mesmos comportamentos sintáticos. Portanto, é trabalho do semanticista lexical encontrar quais são essas propriedades relevantes e é isso que pretendemos fazer neste artigo para os verbos conhecidos como verbos instrumentais do PB.

2. Descrição dos verbos instrumentais no PB

Primeiramente, como já apontamos, separamos todos os verbos que continham o nome de um instrumento em seu radical, a partir de dicionários de verbos (BORBA, 1990; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a). Baseadas nessa coleta, aplicamos uma série de

testes sintáticos e semânticos para podermos fazer uma classificação verbal mais consistente, visto que nossa hipótese é de que esses verbos não constituem uma única classe. Um primeiro passo metodológico foi fazer paráfrases desses verbos coletados. Segundo Pinker (1989) e Parsons (1990), paráfrases recorrentes em grupos de verbos podem ser consideradas indícios do conteúdo semântico dos verbos. Portanto, começamos nossa investigação dos verbos instrumentais do PB nos valendo das paráfrases dos mesmos. Tomemos a paráfrase do tipo ‘alguém age, usando um instrumento, sobre algo ou alguém’, para podermos sugerir uma classificação preliminar. Seguindo as paráfrases, separamos um grupo de 61 verbos instrumentais:

- (7) abanar, açoitar, acorrentar, aferrolhar, aguilhoar, agrilhoar, alfinetar, algemar, amordaçar, anavalhar, aparelhar, armar, apedrejar, apunhalar, arar, arear, arrear, arrolhar, balear, bombardear, centrifugar, cercar, chibatar, chibatear, chicotear, emoldurar, emplacar, encapar, encerar, enfaixar, enfeitar, engessar, engraxar, ensaboar, envenenar, escovar, esfaquear, espetar, etiquetar, ferrar, filtrar, flagelar, flechar, fuzilar, lacrar, lixar, marretar, martelar, metralhar, navalhar, palitar, parafusar, peneirar, pentear, pincelar, pranchar, rotular, selar, serrar, tampar, vender.

Todos esses verbos podem ser parafraseados pela sentença acima, compondo assim a nossa primeira lista de verbos a serem analisados. Entretanto, usaremos, daqui para frente, somente exemplos com *abanar*, *acorrentar*, *algemar*, *chicotear*, *esfaquear* e *espetar*, pois esses exemplos serão os necessários para as nossas argumentações.

Uma segunda propriedade semântica que deve ser investigada na classificação verbal é o aspecto lexical. Para tal investigação, aplicamos os testes de Dowty (1979), que evidenciam o tipo aspectual dos verbos já separados preliminarmente. O autor, seguindo Vendler (1967), trabalha com a existência de quatro classes aspectuais e sistematiza uma série de testes para diferenciar cada uma delas. Brevemente, definiremos as classes propostas pelo autor.

A classe dos verbos de atividade compreende verbos agentivos que descrevem ações monoeventivas, que se desenvolvem no tempo, sem ter um determinado ponto de conclusão. A classe dos verbos de *accomplishment* é composta por verbos agentivos, bieventivos e télicos, ou seja, por verbos que indicam uma ação que se desenvolve no tempo e possui um ponto de culminação como resultado. A classe dos verbos de *achievement* compreende verbos pontuais, que denotam processos que ocorrem e já chegaram a seu ponto final, sendo, também, caracterizados como télicos. Finalmente, a classe dos verbos de estado caracteriza-se por verbos que denotam estados que se desenrolam no tempo de maneira uniforme, em que qualquer fração do estado é igual ao estado todo.

Podemos observar que os verbos analisados não podem ser estados, nem *achievements*, pois *abanar*, *acorrentar*, *algemar*, *chicotear*, *esfaquear* e *espetar* denotam ações que acarretam a presença de um agente. Essa propriedade semântica é incompatível com tais classes. Com isso, resta-nos analisar se esses verbos pertencem às classes de atividades ou *accomplishments*.

Usaremos um teste muito utilizado para diferenciar verbos de atividade de verbos de *accomplishment*. Sentenças com verbos que denotam *accomplishment*, quando acompanhadas do advérbio *quase*, geram ambiguidade devido ao fato de esses verbos serem bieventivos, o que faz com que o advérbio possa incidir no início ou no meio do evento. Já o mesmo não

acontece com os verbos de atividade, pois esses são monoeventivos. Analisemos, pois, como os verbos instrumentais se comportam em relação ao aspecto lexical:

- (8) O capitão do mato quase chicoteou o escravo.
- (9) O bandido quase esfaqueou a vítima.
- (10) O escravo quase abanou o rei.
- (11) O Pedro quase espetou o Gustavo.
- (12) O guarda quase algemou o bandido.
- (13) O guarda quase acorrentou o bandido.

As sentenças em (12) e (13) apresentam duas leituras: uma de que o guarda nem começou a algemar/acorrentar o bandido, e a outra de que o guarda começou a algemar/acorrentar o bandido, mas desistiu. Já as sentenças de (8) a (11) apresentam apenas a leitura de que a ação nem começou a ser realizada.

A partir desses resultados, podemos perceber que os verbos *chicotear*, *esfaquear*, *abanar* e *espetar* denotam o aspecto lexical de atividade e os verbos *algemar* e *acorrentar* denotam eventos do tipo *accomplishment*, o que já separa os verbos instrumentais em dois grupos⁴.

Existe ainda uma outra diferença que pode ser apontada entre esses dois grupos de verbos. Vejamos os exemplos.

- (14) O guarda algemou o bandido. ⊢ O bandido ficou com a algema.⁵
- (15) O guarda acorrentou o bandido. ⊢ O bandido ficou com a corrente.
- (16) O capitão do mato chicoteou o escravo. ~ ⊢ O escravo ficou com o chicote.
- (17) O bandido esfaqueou a vítima. ~ ⊢ A vítima ficou com a faca.
- (18) O escravo abanou o rei. ~ ⊢ O rei ficou com o abano.
- (19) O Pedro espetou o Gustavo. ~ ⊢ Gustavo ficou com o espeto.

É possível observar que apenas as sentenças de (14) e (15) acarretam que o instrumento passa a ficar na entidade (pessoa ou coisa) denotada pelo SN, argumento interno do verbo, enquanto o mesmo não acontece para os verbos de (16) a (19). Esse sentido contido nos verbos do tipo *algemar/acorrentar* licencia uma propriedade sintática específica que não ocorre nos verbos do tipo *chicotear/esfaquear/abanar/espetar*: pode-se derivar um SN denotando a posse do instrumento pelo argumento interno dos verbos a partir das sentenças em (14) e (15), mas não se pode fazê-lo a partir das sentenças de (16) a (19):

- (20) A algema do bandido
- (21) A corrente do bandido
- (22) O chicote do escravo (não significa que o chicote passou a ficar com o escravo)
- (23) A faca da vítima (o mesmo de 22)

⁴ Alguns autores já apontam para o fato de os verbos instrumentais possuírem o aspecto lexical de atividade (KIPARSKY, 1982; LEVIN, 1993; HARLEY, 2005), o que os diferencia de verbos do tipo *acorrentar*. Segundo Levin (1993), *to chain* 'acorrentar' pertence à classe dos verbos do tipo *locatum*, normalmente classificado como *accomplishment*.

⁵ O símbolo ⊢ indica que há um acarretamento entre as sentenças e ~ ⊢ significa que não há acarretamento entre as sentenças (CANN, 1993).

- (24) O abano do rei (o mesmo de 22)
- (25) O espeto do Gustavo (o mesmo de 22)

Com essas evidências, mostramos que, mesmo contendo o nome de um instrumento em seu radical, verbos do tipo *algemar/acorrentar* não se comportam sintática e semanticamente como os outros instrumentais analisados. De fato, encontramos esses verbos listados para o PB, como sendo da classe dos *locatum*, em Cançado, Godoy e Amaral (2013a). Esses verbos são classificados pelas autoras como verbos que denotam uma mudança de posse do instrumento contido no seu radical.

Assim, continuamos nossa análise para os verbos restantes: *abandar*, *chicotear*, *esfaquear* e *espetar*. Ainda há uma diferença importante entre os verbos que estamos analisando e essa está relacionada à possibilidade de adjungirmos um outro instrumento na sentença, que não seja aquele contido no radical verbal:

- (26) O escravo abanou o rei com um abano de palha/ com uma folha de palmeira/ com um pedaço de papelão/ com as mãos.
- (27) O Pedro espetou o Gustavo com um espeto de pau/ com uma agulha/ com alfinete/ com um garfo.
- (28) O capitão do mato chicoteou o escravo com um chicote de espinhos/*com um pedaço de corda/ *com uma vara de bambu.
- (29) O bandido esfaqueou a vítima com uma faca bem pontiaguda/*com um canivete/ *com uma tesoura.

Através desses exemplos, notamos que, enquanto os verbos *abandar* e *espetar* aceitam tanto a especificação de um PP cognato ou de um outro instrumento na posição de adjunto, os demais verbos só aceitam a adjunção do primeiro tipo, de modo que, ao colocarmos um outro instrumento que não aquele contido no verbo, a sentença fica agramatical. Isso nos leva, então, a separar mais dois grupos distintos entre os verbos instrumentais coletados: os do tipo *chicotear/esfaquear* e os do tipo *abandar/espetar*.

Após observarmos todos os exemplos dados nessa seção, podemos perceber que aquilo que é amplamente tratado na literatura como verbos instrumentais não parece constituir uma classe verbal única, uma vez que os verbos apresentam propriedades semânticas e comportamentos sintáticos diferenciados. O que parece haver são três classes distintas: verbos do tipo *algemar* e *acorrentar* que acarretam a mudança de posse do instrumento e derivam um SN de posse; verbos do tipo *abandar* e *espetar* que não acarretam a mudança de posse do instrumento para o argumento interno, não derivam um SN de mudança de posse e aceitam outro tipo de instrumento, que não seja aquele contido no radical verbal, como adjunto; e verbos do tipo *chicotear* e *esfaquear* que não acarretam mudança de posse, não derivam um SN de mudança de posse e só aceitam a especificação de um PP cognato como adjunto.

Dada, então, essa divisão, trataremos na próxima seção da representação semântico-lexical dessas classes e a sua relação com as possíveis propriedades sintáticas desses verbos. Usaremos para tal análise a linguagem de decomposição em predicados primitivos, que é uma linguagem mais formalizada e capta de uma forma mais abrangente certas nuances do significado dos verbos.

3. A linguagem de decomposição em predicados primitivos

Para representar as propriedades semânticas que definem as classes verbais, os semanticistas lexicais utilizam as chamadas representações lexicais, que são maneiras de formalizar o sentido dos verbos que está presente no léxico. As representações lexicais são, então, formas de se representar o conteúdo semântico lexical dos verbos através de uma metalinguagem. As propriedades semânticas que são relevantes para agrupar os verbos em classes, chamadas na literatura de propriedades semânticas gramaticalmente relevantes, são as que devem estar presentes nessas representações lexicais.

Uma forma de representação lexical é a conhecida decomposição semântica dos verbos em predicados primitivos ou decomposição de predicados (CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a e b; DOWTY, 1979; JACKENDOFF, 1990; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, 2005; PINKER, 1989; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; LEVIN, 1993; VAN VALIN, 2005; VAN VALIN; LAPOLLA, 1997; WUNDERLICH, 1997, 2012). A decomposição de predicados é uma maneira mais formalizada de se representar o sentido dos verbos, que é decomposto em unidades menores e é representado por meio de uma estrutura de argumentos e predicados. As propriedades semânticas relevantes para a formulação de classes verbais são representadas por elementos primitivos que são predicadores. Vejamos como ficaria a representação lexical do verbo *quebrar* através dessa linguagem, segundo Cançado, Godoy e Amaral (2013a):

(30) *quebrar*: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME Y <QUEBRADO>]]

As autoras argumentam que essa é uma forma mais completa de representação do significado, pois através dela somos capazes de perceber a relação existente entre os eventos de um verbo, o tipo de seus participantes e até mesmo o seu aspecto lexical. Assim, (30) nos mostra que verbos do tipo *quebrar* são compostos por dois subeventos que estabelecem uma relação causal entre si. A definição de causação mais recorrente na literatura é aquela que relaciona essa noção à multiplicidade de eventos, de modo que o evento denotado por um verbo que possui CAUSE em sua representação lexical é chamado de evento complexo e os eventos que compõem esse evento complexo são chamados de subeventos. (PINKER, 1989; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1999). O modificador VOLITION, entre parênteses, indica que o indivíduo X pode ser uma causa ou um agente, enquanto o subevento [Y BECOME <QUEBRADO>] evidencia que houve uma mudança de estado, o que faz com que Y seja um paciente. Além disso, através dessa estrutura ainda somos capazes de perceber que verbos do tipo *quebrar* têm o aspecto lexical de *accomplishment*, uma vez que possuem dois subeventos.

Outro ponto a ressaltar é que esse tipo de estrutura nos permite distinguir as partes do significado que são recorrentes entre os verbos de uma mesma classe e aquilo que é idiossincrático de cada verbo. Assim, (30) é a representação lexical específica do verbo *quebrar*; já a representação da classe dos verbos do tipo *quebrar* pode ser dada como:

(31) v: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]

Comparando (30) e (31), podemos perceber que a estrutura recorrente da classe é tudo aquilo que não está entre os colchetes angulados e a parte de dentro desses colchetes é o que chamamos de raiz. Na estrutura das classes, a raiz é representada por uma categoria

ontológica, o que indica a classificação dos verbos; no caso de (31), temos a representação dos verbos de estado, onde se inclui o verbo *quebrar*. Na estrutura de cada verbo, a raiz é representada pelo nome relacionado ao verbo específico e está associada à parte do sentido que é idiossincrática.

Ainda, um aspecto importante a favor da linguagem de decomposição de predicados é que ela consegue prever certos comportamentos sintáticos dos verbos. Como vimos na seção 1, tanto verbos do tipo *chicotear* como verbos do tipo *quebrar* possuem um argumento interno paciente. Entretanto, apenas verbos do segundo tipo realizam a alternância incoativa, como mostrado em (5) e (6). Portanto, ter um paciente como argumento interno não é uma restrição suficiente para prever a ocorrência da alternância causativo-incoativa. No entanto, através de uma representação semântica por meio da linguagem de decomposição em predicados, somos capazes de prever quando os verbos podem realizar tal alternância. Segundo Cançado, Godoy e Amaral (2013a), somente verbos que contêm em sua representação a estrutura [Y BECOME <STATE>] aceitam a alternância causativo-incoativa.

Há um número finito de predicados primitivos, como ACT, CAUSE, BECOME, DO, AFFECT, GO, MOVE, CREATE, IN, WITH e também um número finito de raízes que representam o sentido idiossincrático dos verbos, como <STATE>, <MANNER>, <THING> e <EVENT>. Também pode haver mais uma variável Z, em caso de verbos que apresentam três argumentos. Não entraremos em detalhes a respeito do funcionamento de cada um dos componentes dessa metalinguagem, mas explicaremos os componentes utilizados na nossa análise, à medida que eles aparecem.

4. Representação semântica dos verbos instrumentais

Para propormos, então, as representações semântico-lexicais dos três grupos de verbos instrumentais do PB, partiremos da análise de Rappaport e Levin (1998, 2010). As autoras assumem que os verbos não estativos dividem-se em duas grandes classes: uma em que os verbos têm como parte de seu significado a especificação do processo de um estado resultante e, outra, em que os verbos têm como parte de seu significado a maneira como uma ação ocorre. A primeira classe é composta pelos verbos de resultado (p.ex., *congelar*, *abrir*, *quebrar* etc.) e a segunda, pelos verbos de maneira (p.ex., *correr*, *pular*, *varrer* etc.). Conforme as autoras, essa classificação é relevante gramaticalmente, pois essas classes verbais apresentam padrões diferentes de realização sintática dos argumentos.

Seguindo essa divisão, já podemos separar o primeiro grupo dos verbos instrumentais, os do tipo *algemar/acorrentar*, como sendo verbos de resultado. Como vimos, esses verbos denotam dois subeventos, sendo o segundo subevento a especificação do resultado de um processo, pois são verbos que denotam *accomplishments*. As autoras propõem uma estrutura semântica para esses verbos no inglês. Baseadas nessa estrutura, Cançado, Godoy e Amaral (2013a) fazem uma ampla análise desse tipo de verbo no PB. Assumiremos e mostraremos aqui a representação semântica proposta.

As autoras propõem que existem mais 93 verbos no PB⁶ que se comportam sintática e semanticamente como *algemar* e *acorrentar*: denotam uma mudança de posse, acarretam o sentido de *ficar com coisa*, aceitam somente um agente como sujeito, só aceitam um SP cognato, não aceitam a alternância causativo-incoativa e aceitam a passiva sintática. Esses

⁶ Ver lista completa em *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*, v1 (CANÇADO, GODOY E AMARAL, 2013a).

verbos são conhecidos como verbos de *locatum* (nomenclatura utilizada desde Clark & Clark, 1979), ou verbos de mudança de posse, e são verbos como *acarpetar*, *amarrar*, *azulejar*, *enfaixar*, *encerar*, *ensaboar*, entre outros. Como pode se observar, nem todos são instrumentais, ou seja, contêm um nome de instrumento. Também, ao analisarmos essa lista, pudemos constatar que a nossa proposta de que esses verbos têm um comportamento distinto dos outros instrumentais, em relação ao SN de posse derivado, se confirma. De todos os verbos da classe, podemos derivar um SN que denota a posse do nome do objeto contido no verbo: *o carpete da sala*, *a amarra do bandido*, *o azulejo do banheiro* etc. Esses verbos possuem uma paráfrase do tipo *prover o Y com algo* e apresentam, segundo as autoras, a seguinte estrutura argumental dada pela linguagem de decomposição em predicados primitivos:

(32) v: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME Y [WITH <THING>]]]

Essa estrutura nos mostra que o argumento externo desses verbos é sempre um agente, uma vez que VOLITION modifica o metapredicado ACT, enquanto o argumento interno é um paciente que sofreu uma mudança de posse representada por [BECOME Y [WITH <THING>]]. Além disso, como esses verbos possuem o aspecto lexical de *accomplishment*, sua representação lexical tem dois subeventos que estabelecem uma relação causal, evidenciada pelo metapredicado CAUSE. Assim, o primeiro subevento dos verbos de *locatum* é representado por [X ACT_{VOLITION}] e o segundo subevento é a mudança de posse representada pela subestrutura [BECOME Y [WITH <THING>]].

É importante ressaltar que (32) representa a estrutura de toda a classe dos verbos de mudança de posse, enquanto a representação de um verbo específico como *algemar* seria:

(33) *algemar*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME Y [WITH <ALGEMA>]]]

Tendo visto que os verbos *algemar* e *acorrentar*, apesar de possuírem o nome de um instrumento em seu radical, pertencem a uma classe conhecida como classe dos verbos de mudança de posse (ou *locatum*), seguiremos com a nossa proposta de representação lexical para os outros dois grupos de verbos instrumentais aqui analisados.

4.1 Verbos de *thing* e *manner*

Seguindo com a ideia da divisão em duas grandes classes verbais, a dos verbos de resultado e a dos verbos de maneira, Rappaport e Levin (1998) ainda afirmam que existem diferentes tipos de verbos de maneira. Verbos como *esfregar* e *raspar*, por exemplo, diferem-se pelo tipo de contato com uma determinada superfície que descrevem. Verbos como *correr* e *pular*, por sua vez, distinguem-se pelo modo de movimento que representam. Já verbos como *assobiar* e *gritar* são diferentes no que diz respeito ao modo de se emitir um determinado som. Entretanto, para as autoras, essas diferenças de sentido não são relevantes gramaticalmente, fazendo com que todos esses verbos apresentem uma mesma estrutura de predicado primitivo, que se encontra representada a seguir:

(34) *manner* → [X ACT_{<MANNER>}]

Ainda, para as autoras, os verbos instrumentais do inglês, como *to brush* (*escovar*), *to comb* (*pentear*), *to plow* (*arar*), *to shear* (*tosquear*), entre outros, comportam-se da mesma maneira que os verbos de superfície *to scrape* (*raspar*) e *to rub* (*esfregar*), exceto pelo fato de os primeiros estarem relacionados com um nome de um instrumento. Fazendo uma analogia, portanto, com a estrutura em (34), Rappaport e Levin (1998) propõem para os verbos instrumentais do inglês a seguinte estrutura:

(35) instrument → [X ACT <INSTRUMENT>]

A raiz <INSTRUMENT>, assim como <MANNER>, funciona como modificador do metapredicado ACT, que por sua vez é monoargumental e pede um argumento do tipo indivíduo/variável, que é representado por X.

Entretanto, ao tentarmos propor a mesma estrutura para os outros dois grupos dos verbos instrumentais, os do tipo *chicotear/esfaquear* e os do tipo *abanar/espetar*, detectamos algumas inconsistências teóricas que nos levaram a refinar tal estrutura. Primeiramente, os verbos instrumentais analisados estão necessariamente associados a dois participantes: um agente e algo afetado pela ação. Constatamos essa afirmação, mostrando que a forma intransitiva dos verbos não é gramatical:

(36) *O capitão do mato chicoteava sempre.

(37) *O bandido esfaqueava sempre.

(38) *O escravo abanava sempre.

(39) *O Pedro espetava sempre.

As sentenças mostradas de (36) a (39) deixam claro que o argumento interno não pode ser apagado, de modo que a forma intransitiva dos verbos não é aceita.

Além disso, segundo Pinker (1989) e Horrocks e Stavrou (2010), apenas objetos diretos canônicos podem ser passivizados:

(40) O escravo foi chicoteado pelo capitão do mato.

(41) A vítima foi esfaqueada pelo bandido.

(42) O rei foi abanado pelo escravo.

(43) O Gustavo foi espetado pelo Pedro.

Os exemplos acima apontam para o fato de que os verbos analisados possuem, realmente, um objeto direto canônico.

Mostradas as evidências, fica claro que os verbos instrumentais do PB necessitam de um argumento interno em sua estrutural argumental e isso faz com que a proposta de Rappaport e Levin (1998) para os verbos instrumentais do inglês não sirva para o PB. Como mostramos em (35), as autoras propõem que os verbos instrumentais sejam representados com uma estrutura monoargumental: o metapredicado ACT pede apenas um argumento que é preenchido pela variável X. Entretanto, vimos que os nossos verbos têm uma estrutura biargumental. Portanto, uma outra estrutura deve ser proposta.

Inspiradas em Jackendoff (1990), nossa primeira proposta é trocar o predicado ACT por AFFECT, que é um predicado que pede dois argumentos para ser preenchido, atendendo assim à exigência de os verbos serem biargumentais e à relação semântica de afetação que se estabelece entre o sujeito e o objeto do verbo (convém lembrar que uma boa paráfrase para esses verbos é ‘alguém age, usando um instrumento, sobre algo ou alguém’):

(44) v: [X AFFECT <INSTRUMENT> Y]

Mas precisamos também levar em conta que o fato de possuir um instrumento contido no nome do verbo não é uma propriedade gramaticalmente relevante, uma vez que os verbos *chicotear*, *esfaquear*, *abandar*, *espetar*, *algemar* e *acorrentar* possuem todos o nome de um instrumento em seu radical, mas pertencem a classes diferentes por apresentarem propriedades semânticas e comportamentos sintáticos distintos, como vimos no decorrer do artigo. Com isso, nos parece que classificar a raiz como INSTRUMENT seria inadequado, já que essa propriedade não é relevante sintaticamente e as propriedades representadas na estrutura lexical devem ser somente aquelas relevantes. Propomos, então, que uma categoria ontológica mais abrangente como THING seria mais adequada para a representação desses verbos:

(45) v: [X AFFECT <THING> Y]

Outra justificativa para a utilização de THING como categoria ontológica da raiz desses verbos é que também podemos fazer um paralelo com a estrutura semântica proposta por Cançado, Godoy e Amaral (2013a) para os verbos de *locatum*, já que tanto os verbos de *locatum* como os dos outros dois grupos apresentam um nome de objeto contido no radical verbal. Propondo a mesma categoria para representar esse objeto, recuperamos a similaridade de sentido desses verbos. E com as estruturas propostas, mostramos também a diferença entre eles: os verbos do primeiro tipo descrevem a ocorrência de uma mudança de posse, em que a THING é complemento do metapredicado WITH, enquanto os verbos do segundo tipo descrevem a afetação do argumento por meio de um instrumento que é representado pela raiz THING em posição de modificador do predicado AFFECT, como podemos ver em (45).

Porém, ainda temos um problema com essa estrutura proposta. Como vimos, os verbos do tipo *chicotear/esfaquear* e *abandar/espetar* se comportam distintamente; o primeiro grupo só aceita um SP cognato que especifica o nome contido no verbo e o segundo aceita também um SP instrumental diferente do nome contido em seu radical:

- (46) a. O capitão do mato chicoteou o escravo com um chicote de espinhos/ *com uma corda.
b. O bandido esfaqueou a vítima com uma faca bem pontiaguda/ *com um serrote.
- (47) a. O rei abanou o escravo com um abano de palha/ com uma folha de palmeira.
b. O Pedro espetou o Gustavo com um espeto de pau/ com uma agulha.

Isso nos mostra que o primeiro grupo lexicaliza o nome do instrumento contido no verbo, enquanto o segundo não. No entanto, se temos somente uma única estrutura para os dois grupos não podemos explicitar essa diferença de comportamento. Por isso, baseadas em Harley (2005) e Harley e Haugen (2007), propomos a seguinte estrutura argumental para os verbos *abandar/espetar*:

(48) v: [X AFFECT <MANNER> Y]⁷

Passemos agora para a relação das representações lexicais e as propriedades sintáticas desses dois grupos de verbos para constatar a adequação da nossa proposta⁸.

4.2 Propriedades sintáticas e a representação lexical

Analisemos primeiramente a classe dos verbos *chicotear* e *esfaquear*. Pertencem a essa classe 28 verbos:

(49) açoitar, aguilhoar, alfinetar, anavalhar, apedrejar, apunhalar, arar, balear, bombardear, centrifugar, chibatar, chibatear, chicotear, escovar, esfaquear, flagelar, flechar, fuzilar, lixar, marretar, martelar, metralhar, navalhar, palitar, peneirar, pincelar, pranchar, serrar

A estrutura lexical proposta para essa classe é:

(50) v: [X AFFECT <THING> Y]

Todos os verbos em (49) acarretam que houve uma afetação do argumento interno verbal por meio de um instrumento que é manipulado por um agente e, portanto, possuem a seguinte paráfrase: o X afeta, com um instrumento, o Y.

Também, como vimos nos exemplos em (8) e (9), esses verbos denotam atividades, o que é compatível com a estrutura monoeventiva proposta. Ainda, como aceitam apenas a especificação de um PP cognato como instrumento adjunto, fica evidenciada a lexicalização do objeto contido no nome do verbo, também como proposto pela estrutura em (50).

Uma outra propriedade interessante a ser observada é a agentividade estrita expressa por esses verbos. Podemos ver esse fato através de alguns testes de agentividade propostos na literatura. Jackendoff (1990) propõe que um agente (x) ocorrerá em uma estrutura do tipo “o que o x fez foi”:

(51) O que capitão do mato fez foi chicotear o escravo.

(52) O que o bandido fez foi esfaquear a vítima.

Além disso, Jackendoff (1972) propõe que há advérbios e expressões voltadas especificamente para o sujeito, como *deliberadamente*, *intencionalmente* e *com a intenção de* que indicam a agentividade do sujeito:

(53) O capitão do mato chicoteou o escravo com a intenção de puni-lo.

(54) O bandido esfaqueou a vítima com a intenção de matá-la.

⁷ Godoy (2012) já propõe que o metapredicado AFFECT pode ser modificado pela raiz <MANNER>.

⁸ Em relação às propriedades sintáticas e representação semântica dos verbos do tipo *algemar/acorrentar*, veja-se o amplo estudo em Cançado, Godoy e Amaral (2013a) sobre os verbos do tipo mudança de posse.

Também é sabido na literatura que verbos estritamente agentivos não aceitam uma causa como sujeito:

- (55) *A maldade do capitão do mato chicoteou o escravo.
(56) *A ira do bandido esfaqueou a vítima.

Por fim, segundo Jackendoff (1972), Pinker (1989) e Cançado (2005), os agentes estão relacionados com a possibilidade de passivização dos verbos, o que já foi evidenciado nos exemplos em (40) e (41).

Entretanto, essa agentividade não está explícita na relação do metapredicado AFFECT e o argumento X. Mas, uma vez que apenas agentes podem manipular um instrumento (Dowty, 1979), essa propriedade pode ser inferida da categoria ontológica THING. Nossa proposta é que o que marca a agentividade do argumento externo dos verbos da classe de *chicotear/esfaquear* é a presença do instrumento na estrutura, ou seja, da raiz <THING> caracterizando um instrumento.

Desse modo, a estrutura em (50) representa a estrutura semântica das classes dos verbos tipo *chicotear* e *esfaquear*. Já a estrutura de um verbo específico seria:

- (57) *chicotear*: [X AFFECT <CHICOTE> Y]

Através dessa estrutura somos capazes de ver que o verbo *chicotear* possui um agente que afeta o outro argumento verbal usando um instrumento. As variáveis X e Y representam, respectivamente, o agente e o argumento afetado, o metapredicado AFFECT representa a afetação e a raiz <CHICOTE> / <THING> representa o instrumento.

Vejamos agora as propriedades dos verbos tipo *abandar* e *espetar*, o último grupo de verbos instrumentais.

Pertencem a essa classe apenas 3 verbos que possuem o nome de um instrumento contido em seu radical verbal, mas que não o lexicalizam por aceitarem outro tipo de instrumento como adjunto: *abandar*, *espetar*, *pentear*. No entanto, isso não quer dizer que essa classe seja composta apenas por esses verbos. O trabalho de Cançado, Amaral e Meirelles (em preparação) indica que há uma série de verbos que também fariam parte dessa classe e que acarretam a presença de um instrumento em sua estrutura conceptual, mas que não o lexicalizam, lexicalizando apenas a maneira de como ocorre a afetação do objeto. São verbos como: *lavar*, *afiar*, *aguar*, *regar*, *aparar*, entre outros.

Como vimos, propusemos a seguinte representação semântica para esses verbos:

- (58) v: [X AFFECT <MANNER> Y]

Entretanto, esses verbos são estritamente agentivos, como pode ser evidenciado pelos testes abaixo, já explicitados para a classe dos verbos *chicotear/espetar*:

- (59) a. O que o escravo fez foi abandar o rei.
b. O que o Pedro fez foi espetar o Gustavo.
(60) a. O escravo abanou o rei com a intenção de refrescá-lo.
b. O Pedro espetou o Gustavo com a intenção de aborrecê-lo.
(61) a. *A bondade do escravo abanou o rei.
b. *A maldade do Pedro espetou o Gustavo.

- (62) a. O rei foi abanado pelo escravo.
b. O Gustavo foi espetado pelo Pedro.

Desse modo, propomos que o que representa a agentividade desses verbos é a categoria ontológica MANNER atrelada às raízes dos verbos *abanar/espetar*, uma vez que Happort e Levin (1998) já mencionam que essa categoria está associada apenas a verbos agentivos. Podemos parafrasear os verbos dessa classe com a seguinte sentença: o X afeta, de determinada maneira, o Y. Ainda podemos observar que essa estrutura é compatível com o aspecto lexical de atividade atribuído a esses verbos, como mostrado em (10) e (11), pois é uma estrutura monoeventiva.

A representação de um verbo específico da classe é:

- (63) *abanar*: [X AFFECT <ABANANDO> Y]

A partir dessa estrutura somos capazes de perceber que o verbo *abanar* tem um argumento agente X, inferido pela presença da categoria ontológica MANNER atrelada à sua raiz, e um argumento paciente Y. O modo de afetação é representado pelo metapredicado AFFECT modificado pela raiz <MANNER>. AFFECT é um metapredicado biargumental, preenchido pelos argumentos X e Y.

Um fato que deve ser observado é que, apesar de esses verbos não lexicalizarem o instrumento, eles acarretam o uso de um instrumento na realização da ação; e isso serve tanto para os 3 verbos que possuem o nome de um instrumento no radical verbal, quanto para os verbos apontados por Cançado, Amaral e Meirelles (em preparação). Diferentemente, existem verbos que aceitam instrumentos, como por exemplo *quebrar*, mas isso não é um acarretamento do verbo. Vejam que as sentenças de (63) a (65) tornam-se contraditórias quando negamos a presença do instrumento, o que não ocorre com (66):

- (64) ⊥⁹ O escravo abanou o rei, mas não usou nenhum instrumento.
(65) ⊥ O Pedro espetou o Gustavo, mas não usou nenhum instrumento.
(66) ⊥ A Gisela penteou os cabelos da Inês, mas não usou nenhum instrumento.
(67) O menino quebrou o vaso, mas não usou nenhum instrumento.

No entanto, é importante ressaltar que, apesar de esses verbos acarretarem o uso de um instrumento na realização da ação, esse não faz parte da estrutura semântica do verbo, mas sim da sua estrutura conceptual, uma vez que não nos parece adequado dizer que *abanar* toma como argumento alguém que age, algo que é afetado e um instrumento mediador da ação. E o mesmo pode ser dito para os demais verbos da classe.

Com essas observações, finalizamos nossa análise sobre os verbos instrumentais do PB e concluímos que eles não constituem uma classe relevante gramaticalmente, uma vez que apresentam propriedades semânticas e comportamentos sintáticos distintos entre si. Eles se dividem em três classes diferentes, cada uma com uma representação semântico-lexical específica e com propriedades sintáticas e semânticas também específicas a cada classe.

⁹ O símbolo ⊥ indica contradição (CANN, 1993).

Considerações finais

O nosso objetivo neste artigo foi descrever os verbos instrumentais no PB e propor uma representação semântico-lexical para os mesmos, utilizando a linguagem de decomposição em predicados primitivos. Primeiramente, podemos apontar que todos os verbos instrumentais compartilham a propriedade de apresentar o nome de um instrumento em seu radical verbal e serem estritamente agentivos. Entretanto, em relação a outras propriedades, eles se dividem em três grupos relevantes gramaticalmente.

Como mostramos, os verbos do tipo *algemar* e *acorrentar* possuem o aspecto lexical de *accomplishment*, acarretam que o SN denotado por seu objeto sofre uma mudança de posse, passando a ficar com o instrumento que está contido no nome do verbo, e licenciam SNs de posse, como *a algema do bandido* e *a corrente do bandido*. Esses verbos, em realidade, pertencem a uma classe maior, a dos verbos de mudança de posse (ou *locatum*), e apresentam a seguinte estrutura proposta por Cançado, Godoy e Amaral (2013a): [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME Y WITH <THING>]].

Já os verbos do tipo *chicotear* e *esfaquear* apresentam o aspecto lexical de atividade e só aceitam um instrumento adjunto que seja a especificação do instrumento contido no nome do verbo, ou seja, um PP cognato. Esses verbos lexicalizam o nome do instrumento através da categoria ontológica THING, apresentando a seguinte estrutura: [X AFFECT <THING> Y].

Os verbos da classe de *abanar* e *espetar* também denotam atividades, porém aceitam outro instrumento que não seja aquele contido em seu radical como adjunto, o que faz com que sejam representados pela estrutura: [X AFFECT <MANNER> Y WITH Z].

Assim, nossa principal conclusão é que não há uma classe unitária dos verbos instrumentais no PB, uma vez que possuir o nome de um instrumento no radical verbal não é uma propriedade relevante sintaticamente, pois não é capaz de agrupar verbos em classes que possuem as mesmas propriedades semânticas e os mesmos comportamentos sintáticos. A expressão “verbos instrumentais” é apenas um rótulo amplo que, na realidade, comporta três classes verbais distintas, representadas por suas respectivas estruturas semânticas.

The instrumental verbs of Brazilian Portuguese

ABSTRACT: We analyze the instrumental verbs of Brazilian Portuguese in order to verify if they are a verb class or not. We find motivation for this research when we observe that instrumental verbs have some different semantic and syntactic properties. We conclude that there is not a unitary class of instrumental verbs, but three distinct classes, which shows that the semantic property of having the name of an instrument in the verbal root is not grammatically relevant.

Key words: instrumental verbs, lexical-semantic representation; syntactic properties; predicate decomposition

Referências

BORBA, F. (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.

CANÇADO, M. Posições argumentais e propriedades semânticas. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005.

- CANÇADO, M. Argumentos: complementos e adjuntos. *ALFA*, v. 53, n. 1, p. 35-59, 2009.
- CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 77-111, 2010.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. Parte II – Verbos agentivos (em preparação)*. UFMG
- CANÇADO, M.; GODOY, L. Representação Lexical de Classes Verbais do PB. *ALFA*, v. 56, n. 1, p. 109-135, 2012.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. Parte I - Verbos de mudança*. 1ed, Editora UFMG, 2013a.
- CANÇADO, M.; GODOY, L. e AMARAL, L. Predicados primitivos, papéis temáticos e aspecto lexical. *Revel*, v, 11, n. 20, 2013b.
- CANN, Roney. *Formal semantics: an introduction*. Cambridge University Press, 1993.
- CLARK, E. V.; CLARK, H. H. When nouns surface as verbs. *Language*, v. 55, p. 767-811, 1979.
- DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.
- GODOY, L. *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012
- HARLEY, H. How do verbs get their names? Denominal Verbs, Manner Incorporation and the Ontology of Verb Roots in English. In: ERTESCHIK-SHIR, N.; RAPPOPORT, T. *The Syntax of Aspect*. Oxford: Oxford university Press, p. 42-64, 2005.
- HARLEY, H; HAUGEN, J. *Are there really two classes of instrumental denominal verbs in English?* Snippets 16, p. 6-7, 2007.
- HORROCKS, G.; STAVROU, M. Morphological Aspect and the Function and Distribution of Cognate Objects Across Languages. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. *Lexical Semantics, Syntax, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, p. 284-308, 2010.
- JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
- JACKENDOFF, R. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990

KIPARSKY, P. Word formation and the lexicon. In *Proceedings of the Mid-America Linguistics Conference*, ed. F. Ingeman. University of Kansas, 3-29, 1982.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. The Lexical Semantics of Verbs of Motion: The Perspective from Unaccusativity. In: ROCA, I. *Thematic Structure: Its Role in Grammar*. Berlin: Foris, p. 247-269, 1992.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Two Structures for Compositionally Derived Events. *Proceedings of SALT 9*. Cornell University, Ithaca, NY: Cornell Linguistics Circle Publications, 1999. p. 199-223.

LEVIN, B; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MEIRELLES, L. L. Os verbos instrumentais no português brasileiro. 2013. Monografia (Bacharel em Letras). Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

MEIRELLES, L. L.; CANÇADO, M. Verbos instrumentais: uma classe relevante gramaticalmente? *Anais do II Conel*, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

PARSONS, T. *Events in the Semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.

PINKER, S. *Learnability and Cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 1989.

RAPPAPORT HOVAV, M; LEVIN, B. Building Verb Meanings, in M. Butt and W. Geuder, eds., *The Projection of Arguments: Lexical and Compositional Factors*, CSLI Publications, Stanford, CA, p. 97-134, 1998.

RAPPAPORT HOVAV, M; LEVIN, B. Reflections on Manner/Result Complementarity, in E. Doron, M. Rappaport Hovav, and I. Sichel, eds., *Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure*, Oxford University Press, Oxford, UK, p. 21-38, 2010.

VAN VALIN, R. *Advances in Role and Reference Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

VAN VALIN, R. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VAN VALIN, R.; LAPOLLA, R. *Syntax: structure, meaning, and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell, 1967.

WUNDERLICH, D. Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, v. 28, n. 1, p. 27-68, 1997.

WUNDERLICH, D. Lexical Decomposition. In: HINZEN, W. et al. (Eds.) *The Oxford handbook of compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

WUNDERLICH, D. Lexical Decomposition in Grammar. In: WERNING, M.; HINZEN, W.; MACHERY, E. *The Oxford Handbook of Compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 307-327.

Data de envio: 21/05/2014
Data de aceite: 04/03/2015
Data de publicação: 23/04/2015